



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v.16, n.30, e202464827, 2024

DOI: 10.35520/mulemba.2024.v16n30e202464827

Dossiê

O campo visual de Fernando Couto

José dos Remédios¹

O poeta escreve principalmente para os olhos.

The botanic garden, Erasmus Darwin

O verso é um dos mecanismos privilegiados da expressão poética. O verso expõe, exprime e constrói; no verso se revelam as sensações e o efeito visual da palavra. Claro que esta asserção não é abrangente a todos os poetas. Pois sempre há aqueles que, no acto da escrita, preferem as armas à delicadeza. Nesse caso, o poema é uma praça de combate, na qual os sujeitos atiram para matar e quase nunca se julgam capazes de sarar feridas que magoam o mundo. Na verdade, quando Fernando Couto começa a publicar livros, em 1959, na cidade da Beira, vários autores africanos e de outras regiões encontravam na escrita uma possibilidade para denunciar, confrontar ou enfrentar regimes políticos totalitários. No caso do poeta, não obstante a sua aversão ao fascismo dominante em Moçambique, desde *Poemas junto à fronteira* que a escrita literária é um chamariz para a liberdade da alma com base nas abstracções sensoriais. Aqui, a poesia é consentida numa espécie de negociação entre o sujeito e o objecto.

Editores-chefes

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores Associados

Ana Mafalda Leite
Celso Muianga
Sara Laisse

¹ José dos Remédios é docente, ensaísta e jornalista. Mestre em Educação/Ensino de Português, pela UP-Maputo, e Licenciado em Literatura Moçambicana, pela UEM, possui publicações em Moçambique, Angola, Portugal, Brasil e Eslováquia. Escreveu guiões de vídeos em homenagem a Marcelino dos Santos, Joaquim Chissano, Ungulani ba ka Khosa, Dom Dinis Sengulane, Mia Couto e Paulina Chiziane. Foi guionista, técnico de som e fotógrafo do documentário *Maputo*, adora. É autor de *O horizonte e a escrita* (2020) e organizou *José Craveirinha: a voz do nosso tempo* (2022) e *O inventário da memória* (2024).

Não obstante essa particularidade sensitiva, a obra de Fernando Couto é um exercício sobre os afectos e sobre as representações imagéticas dos espaços. Na sua métrica, o acto da verificação corresponde, geralmente, a uma exigência criativa flutuante, todavia numa superfície experiencial à que os moçambicanos pertencem. Mesmo sem uma alusão directa aos eventos, a enunciação atravessa a dimensão do palpável para regenerar o sentido de apreço ao território e à simplicidade das pequenas partículas circundantes. Nesse sentido, não se trata de uma escrita megalomaniaca. Pelo contrário, a obra poética *coutiana* sedimenta uma opção demiúrgica assente no que muitas vezes é invisível: os *choros em silêncio*, as *infalíveis andorinhas*, as *flores selvagens*, a *resina das árvores*, a *vaidade dos peixes* e as águas cristalinas. Todas estas metonímias interferem na definição da linguagem lírica, o que a torna um objecto de reflexão e de filosofia (Kristeva, 1988, p. 13).

A aposta dos sujeitos poéticos no campo visual confere ao poema uma grande riqueza ambiental. Ao reconhecer as particularidades naturais ou culturais, o leitor faz-se membro integrante de uma circunstância e de um conceito de poesia comprometido com *o fundo pardo das coisas*. É nessa subjectividade temática e estética na qual se capta a memória do que o poeta pode ter sido durante o tempo que escreveu. Portanto, há, na poesia de Fernando Couto *Feições para um retrato*, claro está, imagens não tão assertivas quanto na obra de Rembrandt, mas igualmente desconcertantes na mínima fixação do real. Nos livros do poeta, a escrita é a sugestão do que o mundo muitas vezes não é na ignorância dos homens e das mulheres, é um questionamento sobre como se pode ser tão virulento quando o universo é tão ilimitado para *O amor diurno*. Há aqui uma literatura subtil que se prende às imagens circundantes porque garantem a composição física das estrofes, na sua variedade conceptual e gráfica. Consequentemente, parafraseando Wimsatt e Brooks (1980, p. 310), a arte [de Fernando Couto] aperfeiçoa a natureza, embora ao mesmo tempo não possa competir com a sua condição de força:

Nem o verão mais árido secava
o verde musgo na parede do pátio.
Do longe, entrava o azul dos montes
quando se abriam as rasgadas janelas.
Era suave o ranger das madeiras
ao sabor dos passos nos antigos soalhos.
As frutas, plantas secas e o vinho
embalsamavam de aromas
a frialdade de pedra da adega.
Era tão denso o silêncio à noite.
como se embalasse a velha casa.
Era o frio de água nos lençóis

ao abrir da cama no inverno
e era a carícia da frescura no pátio
nas tardes calmosas de verão.
Os pássaros refaziam as primaveras
transformando em ninhos os buracos
nos xistos da parede antiga.

(COUTO, 2001, p. 43).

O poema acima, “Lar”, foi escrito a 1 de janeiro de 2001 e integra o último livro inédito de Fernando Couto. Por um lado, o texto reafirma a capacidade imaginativa do autor na combinação de elementos naturais e artificiais no acto da poesia. Esse é um exemplo da sua oficina e, inclusivamente, revelador de uma sensibilidade voltada para visão, sem excluir da órbita poética, no entanto, a relevância do olfacto e do instinto. O seu poema é a totalidade dos cenários (im)prováveis, até porque para o poeta a imagem peremptória é a própria coisa (Barthes, 1981, p. 70), isto é, a imagem é a causa e a finalidade; o seu poema é o resultado do que a Natureza oferece e o Homem concretiza. Por isso mesmo, *o verão, a parede, os montes, as janelas, as plantas, o vinho, a pedra, a adega, o frio e os lençóis* são fragmentos da mesma nota musicada pelo ritmo do poema.

Por outro lado, o poema “Lar” corporifica a hierarquia das estruturas visuais em harmonia com o que é questionável: *seio do silêncio, ar cristalino* (poema “Aldeia”), *ascensão do corpo e alma* (poema “Montes”) e *alma da floresta* (poema “Floresta”). Esses elementos fazem a imagem e a imagem dá sentido ao verbo, conforme também se pode verificar num outro poema, “Na esteira de Zorba”, publicado no quinto livro de Fernando Couto, *Monódia* (1987):

Vê tudo quanto te rodeia
em cada instante e lugar.
Vê atentamente. Observa
e contempla se for caso disso.
Observa e procura vislumbrar
a secreta beleza e ama essa beleza
onde quer que a descubras
sempre que o feixe luminoso
dos teus olhos a devassem
na sua face mais íntima.

(COUTO, 2007, p. 85).

Na estrofe acima, subentende-se que tudo o que se vê faz o espírito do corpo. Ver é sonhar em silêncio, é entregar-se a uma condição sem a certeza do que daí pode resultar. Por essa razão, o sujeito poético se enriquece em cada olhar, dando

aos versos, conseqüentemente, um sentido palpável e até mesmo fotográfico. É com a sua capacidade de absorção que Fernando Couto apresenta-se como um poeta comparatista. Contudo, nos seus poemas, além de recurso estilístico, a comparação (e a alegoria também) é uma forma de ver e (re)imaginar o observado, é uma forma de compreender e, citando Eduardo Lourenço, de se movimentar no estreito *labirinto da saudade*:

Uma dor furtiva, inesperada,
um doce frio de outono,
a comovente cor das folhas esvaindo-se,
o aroma das maçãs maduras na adega
e a visão em centelha de faces,
animais, casas, paisagens,
mesmo de abandono livremente...

A nostalgia de quem perdeu
e se resigna, mas lembra com mágoa

(COUTO, 2001, p. 48)

O poema “Saudade” exprime uma alternativa referente à composição poética de Fernando Couto. Nas suas várias publicações, os olhos deslumbram-se pelo que vêem, é certo, mas também pelo que há muito tempo deixaram de ver. A “dor furtiva, inesperada” advém dessa perda “concreta” do campo visual, pois, no instante em que o poema acontece, a possibilidade de posse sobre a matéria e sobre as circunstâncias, aparentemente, reduz-se a uma lembrança nostálgica. Para superar a mágoa de não ver o que o coração sente, de não poder estar onde a alma de alguma forma paira, os sujeitos de enunciação reinventam primaveras, contemplam a luz possível e manipulam os ponteiros do tempo. Só assim o milagre se consome com “a ressurreição da terra, dos animais, das pessoas e também das nuvens e estrelas” (p. 50), garantindo, com efeito, que o passado e o presente se toquem numa ténue sensação indelével.

Ainda sobre a saudade, “Terra de raiz” é um poema esclarecedor, sobretudo a estrofe inaugural de um total de quatro: “Por mais longo que o exílio seja/ e longínqua a terra da tua raiz,/ não se apagará a marca do teu íntimo.” (*Os olhos deslumbrados*, p. 59). Este poema, escrito a 19 de maio de 1997, tantas décadas depois de Fernando Couto se ter mudado de Portugal para Moçambique, parece transmitir o que o poeta eventualmente sentiu ou fingiu ter sentido no seu percurso. Esta ideia ganha consistência no poema “Argonautas”, publicado 12 anos antes no livro *Monódia*:

Pedregoso e seco o chão da pátria
apenas o tamanho de um brado.
Asfixiava-nos o abraço das serras

horizonte de granito urze e lobos:
ampla e aberta apenas a porta do mar.
(...)
O apelo do mar falava já na nossa voz
por isso partimos sem datas nem destinos
desse chão – nosso rancor e nosso afecto
sonhando a terra fértil sobre o mar.

(COUTO, 2007, p. 88).

Nas situações em que partem e regressam a um determinado chão, seja nos arredores de Porto, onde nasceu, ou na Beira, onde viveu 20 anos e editou quatro livros, por via dos seus sujeitos, repara-se que Fernando Couto “era um poeta que amava os momentos de evasão e contemplação”². Igualmente, era um poeta que fazia do lugar onde se encontrava a sua pátria e a poesia um canal de viagem rumo ao intemporal, ao imprevisível.

Quer nos textos de *Os olhos deslumbrados*, quer nos de *Monódia* há um poeta entregue às principais estações do ano. A Primavera, o Outono, o Verão e o Inverno atravessam uma obra literária a variar entre o verso livre-longo e o registo haicai. Nesse tipo de desequilíbrio encontra-se o amor às formas gráficas da métrica e a obediência à duração do texto. É dessa combinação que o poema funciona como casa dos que vivem das cores, da luz e da beleza incólume das flores.

Nos seus 42 anos de publicação literária, Fernando Couto conseguiu sobrepor-se aos contextos políticos e sociais. A sua obra sobrevive às questões de vanguarda ou de oposição típica da poesia ideologicamente comprometida. Ao contrário de vários contemporâneos seus, com os quais conviveu e trabalhou na Beira e em Maputo, o poeta escolheu a lírica no lugar do panfleto, a delicadeza no lugar da força e a evasão para sobreviver às intempéries ou aos ventos da mudança bruta e geralmente cruel.

Hoje, todos esses livros antologados em *Rumor de água (Poemas junto à fronteira, Jangada de inconformismo, O amor diurno, Feições para um retrato, Monódia e Os olhos deslumbrados)* adaptam-se à importância que a cor e os ornamentos da palavra têm na definição da personalidade. Nos leitores, a obra *coutiana* desperta, igualmente, o cuidado para a paisagem, o lugar e a natureza que tão-somente se irá manter no actual registo à medida que a sensibilidade pela vida nela existente for aumentando. Para os que acreditam numa poesia ecologicamente bem conseguida, preenchida do que infalivelmente move a vida e a esperança, pode ser na (re)leitura de Fernando Couto (re)descubram o que mais tem faltado no combate à degradação ambiental e humana: o amor aos outros.

Infulene, 30 de Março de 2024.

² Ver “Uma carta infinita”, dos três filhos de Fernando Couto. In *Fernando Leite Couto: uma voz cheia de vozes*, 2015.

Referências

- BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Lisboa: Edições 70, 1981.
- COUTO, Fernando. *Rumor de água – antologia poética (1959-2001)*. Maputo: Ndjira, 2007.
- COUTO, Fernando. *Os olhos deslumbrados*. Maputo: edição do autor, 2001.
- KRISTEVA, Julia. *História da linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- WIMSATT JR., William K.; Brooks, Cleanth. *Crítica literária*, 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.
- WIMSATT JR., WILLIAM K.; BROOKS, C. *Fernando Leite Couto: uma voz cheia de vozes*. Maputo: Fundação Fernando Leite Couto, 2015.